

ULYSSES DO NASCIMENTO VARELA*
ADA CRISTINA MACHADO SILVEIRA**

MIDIATIZAÇÃO DE CIÊNCIA: PERSPECTIVAS SOBRE A ABORDAGEM DE CIÊNCIA NA COBERTURA TELEJORNALÍSTICA NO BRASIL E EM MOÇAMBIQUE

Resumo: Este artigo aborda o fenômeno da midiática de ciência a partir da comparação da cobertura telejornalística de duas realidades (Brasil e Moçambique). Parte de um problema que busca entender de que forma ocorrem as abordagens sobre assuntos de ciência, tecnologia e inovação na cobertura telejornalística do Brasil e em Moçambique. A partir do embasamento teórico destaca o processo de midiática de ciência no telejornalismo e metodologicamente perpassa pela análise de conteúdo de seis edições de dois telejornais envolvendo as queimadas na Amazônia e a cobertura do ciclone Idai em 2019. Os resultados apontam que, apesar dos cenários organizados quanto ao cumprimento das linhas editoriais adotadas, ambas realidades necessitam de melhor atenção para que a midiática de ciência alcance resultados de qualidade capazes de promover as transformações sociais.

Palavras-chave: *Comunicação, Midiática de Ciência, Telejornalismo, Brasil/Moçambique.*

Science mediatisation: *Perspectives on the approach to science in tele-*

* Doutor em Comunicação, área de concentração: Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria

** Professora titular da UFSM, Colaboradora do Mestrado profissional em Comunicação e indústria criativa da Unipampa, Pesquisadora CNPq

journalistic coverage in Brazil and Mozambique

Summary: This article approaches the phenomenon of the mediatization of science from the comparison of telejournalistic coverage of two realities (Brazil and Mozambique). It starts from a problem that seeks to understand how approaches to science, technology and innovation issues occur in television news coverage in Brazil and Mozambique. From the theoretical basis, it highlights the process of mediatization of science in telejournalism and methodologically permeates the content analysis of six editions of two newscasts involving the fires in the Amazon and the coverage of cyclone Idai in 2019. The results indicate that, despite the organized scenarios as for the fulfillment of the adopted editorial lines, both realities need better attention so that the mediatization of science achieves quality results capable of promoting social transformations.

Keywords: *Communication, Mediatization of Science, Television journalism, Brazil/Mozambique.*

INTRODUÇÃO

As tendências do progresso tecnológico na área de comunicação indicam que ainda estamos vivendo um momento de transformações nos processos comunicativos que envolvem a sociedade. Nos dias de hoje percebemos que é intensa e diversificada a quantidade de informações que chegam às massas devido às facilidades proporcionadas pelas tecnologias da comunicação de forma que, para atingir aos usuários/consumidores instaura-se uma “guerra” por audiências na qual entre as “armas” está inserida a necessidade de reconfigurações dos produtos audiovisuais. Para compreender este cenário propomos um aprofundamento nestas questões a fim de comprovar que, no processo de midiatização de ciência, este cenário não é diferente, seja

nos meios tradicionais (rádio, jornais impressos e televisão) ou digitais (*smartphones*, *notebooks*, redes de mídias sociais etc.) nos quais os níveis de complexidade empregados determinam o sucesso da midiática da Ciência.

Assim como o próprio conceito de midiática se firma enquanto teoria no meio acadêmico, o progresso tecnológico dos meios de comunicação também evoluiu e aponta para a necessidade de transformações nos processos comunicativos que envolvem a sociedade, principalmente em relação aos produtos noticiosos produzidos e transmitidos pela televisão aberta. Neste cenário o processo evolutivo das tecnologias é caracterizado pela enorme quantidade de informações disponibilizadas ao público, tanto pelas mídias tradicionais quanto pelas mídias digitais, via *internet*, de modo que a quantidade de informações e a necessidade cada vez maior de se adequar ao público e ao meio escolhido surpreendem pela velocidade com que se reconfiguram.

A partir deste cenário fica evidente a importância que deve ser atribuída ao estudo das complexidades que envolvem a midiática de ciência na atualidade em qualquer lugar do mundo. Consideramos relevante investigar os recursos necessários para que os meios tradicionais, como a televisão, continuem atuando no processo de midiática de ciência no cenário de transformações dos meios de comunicação.

A condução da abordagem do tema do geral para o particular induz à busca de respostas ao problema de pesquisa na seguinte questão: de que forma os níveis de complexidade estão presentes na midiática de ciência, enquanto abordagem sobre assuntos que envolvem ciência, tecnologia e inovação, na cobertura telejornalística no Brasil e em Moçambique?

Além de envolver o presente e o futuro da midiática de ciência, este questionamento nos motiva a desenvolver uma pesquisa para atingirmos um nível de discussão crítica capaz de tencionar a percepção sobre a midiática de ciência na programação telejornalística, o que nos remete ao enunciado da tese que originou este trabalho

quando diz que: A midiáticação de ciência, a partir da cobertura da televisão aberta, vai além da ação instrumental que engloba o jornalismo científico, principalmente quando o nível de complexidade empregado, contempla o envolvimento das características da complexidades, sendo considerada de fundamental importância ao processo comunicativo e ao desenvolvimento humano em sociedade.

Nosso objetivo é identificar a complexidade da midiáticação de ciência na atividade telejornalística produzida no Brasil e em Moçambique. Assim como compreender a dinâmica da midiáticação de ciência enquanto suporte na abordagem sobre ciência na televisão aberta, além de realizar uma análise comparativa das características que envolvem a midiáticação de ciência a partir do telejornalismo desenvolvido nos dois países.

A motivação para realização deste trabalho parte do tema ‘Midiáticação de Ciência’ estar inserido em uma área da comunicação em plena transformação e que necessita de estudos por, possivelmente, ser alvo de transformações significativas no futuro (Burch, 2005 e Martín-Barbero, 2009). Tal abordagem ocorre por percebermos, durante a realização de um doutorado sanduíche na Universidade Pedagógica de Maputo (UPM), em Moçambique, na África em 2018-2019, por meio do Projeto Educomunicação Intercultural para Inclusão Social em Moçambique, inserido no Programa Abdias Nascimento da CAPES/Brasil, a relevância e o impacto do telejornalismo enquanto difusor de informações sobre ciência por meio de notícias diárias em locais que, apesar de distantes geograficamente, estão ao mesmo tempo, próximos quanto a alguns aspectos culturais e envolvimento em fatos de repercussão internacional.

Sobre a eleição da abordagem do conceito de ciência, nosso posicionamento é em oposição a perspectiva elitista sobre ciência, que concebe divulgá-la somente a partir da presença de um pesquisador ou dos resultados formais de pesquisas em laboratórios, principalmente quando levada em consideração uma sociedade tão rica em biodiversidade e poderosa em natureza quanto a Amazônia e uma sociedade

tão tradicional e rica culturalmente quanto a moçambicana, o que não justifica trabalhar apenas com uma perspectiva elitista de ciência na mídia.

Metodologicamente, o artigo se enquadra enquanto uma pesquisa explorativa essencialmente qualitativa (Minayo, 2000) ideal para “preencher lacunas do conhecimento; para identificar inconsistências entre o que uma teoria prevê e o que o resultado da pesquisa registra, ou entre a teoria e o resultado de práticas resultado de diferentes pesquisas”. (Dencker, 2007: 121). Trata-se de uma pesquisa comparativa (Lakatos e Marconi, 2007), na qual utilizaremos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica ancorada em Stumpf (2010) e a análise de conteúdo baseada em Laurence Bardin (2011), Massarani et al. (2012) e Gomes (2007). Assim analisamos de forma comparativa as notícias de seis edições de dois telejornais (Jornal Nacional no Brasil, exibido pela Rede Globo de Televisão e o Jornal da Noite em Moçambique, exibido pelo grupo Soico TV/STV) exibidas nos dois países durante a cobertura dos eventos de repercussão internacional para encontrar as respostas ao nosso problema de pesquisa.

Para facilitar o desenvolvimento das análises dos telejornais e matérias sobre ciência adotamos o “protocolo de análise de conteúdo de notícias relacionadas a ciência e tecnologia veiculadas por telejornais” desenvolvido por pesquisadores da Rede Ibero-americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, descrito em Massarani et al. (2012). O protocolo, que sugere uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo a partir de notícias científicas veiculadas em telejornais, nos ajudou a traçar um encaminhamento metodológico adequado, indicando os pontos observáveis e capazes de extrair as informações necessárias para as análises comparativas.

Para tornar ainda mais precisa a análise e dar conta de alcançar os objetivos propostos adotamos o conceito de “modo de endereçamento”³ que “tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determi-

³ O modo de endereçamento se caracteriza pela relação que o programa

nado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais” (Gomes, 2007: 20), e que está vinculado à “análise fílmica”.

A partir de oito categorias analisamos aspectos como: quantidade e duração das matérias, dias da semana e blocos do telejornal em que as notícias foram veiculadas, a presença de chamada na abertura do programa, áreas de conhecimento abordadas, enquadramentos narrativos utilizados, utilização de recursos visuais, fontes e vozes citadas, gêneros dos cientistas entrevistados entre outros aspectos que ajudarão a indicar a complexidade existente na midiaticização de ciência em telejornais.

Merece o registro que este trabalho foi desenvolvido entre os anos de 2018 e 2022, enquanto o mundo inteiro foi surpreendido pela pandemia de Covid-19 que mudou a vida de todos interferindo diretamente nas atividades humanas, entre elas a educação e o desenvolvimento de pesquisas, em decorrência do isolamento social imposto pelas autoridades. Apesar deste trabalho estar vinculado diretamente a uma instituição de ensino Brasileira (UFMS) que optou por dar continuidades às suas atividades de forma remota entre os anos de 2020 a 2022, a ausência de aulas e encontros presenciais não prejudicaram o desenvolvimento da pesquisa, mas ampliariam mais ainda o nosso olhar sobre o tema pesquisado.

COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIAS E MODERNIDADE

Os constantes avanços na área de telecomunicações, a facilidade na transmissão digital de dados e as transformações e evoluções dos meios de comunicação apontam para um futuro ainda incerto quando

propõe para ou em conjunto com a sua audiência: “O conceito de ‘modo de endereçamento’ designa as específicas formas e práticas comunicativas que constituem o programa, o que teria referência dentro da crítica literária como o seu ‘tom’ ou o seu ‘estilo’” (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p.262).

o assunto é a quantidade e a qualidade de informações disponibilizadas à sociedade diariamente por diferentes meios. Isto ocorre porque esta modernidade, além de trazer avanços, traz também novos problemas comunicacionais como as novas linguagens e fenômenos como as *Fakes News* e suas consequências, por exemplo. O fato é que estas evoluções influenciam direta e indiretamente no dia a dia de milhares de consumidores seja por meio do rádio, da televisão, do impresso ou da *Internet*.

As novas formas de comunicação via dispositivos móveis e aplicativos de redes sociais fizeram crescer a quantidade de material audiovisual de ficção, documentários, notícias e transmissões ao vivo. Este cenário nos apresenta uma nova realidade que é a intensificação da produção/disponibilização/exibição de material audiovisual nos mais variados formatos e suportes, além da diversificação da procedência, partindo das tradicionais TVs aos smartphones e do amador ao profissional.

Com base nas teorias de Jenkins sobre a Cultura da Convergência, Tellaroli (2013: 123) afirma que “a convergência tecnológica, que se materializa nas mãos dos consumidores é resultado da evolução dos meios de comunicação em plataformas cada vez mais envolventes, interativas e completas”.

Para Massarolo (2001) as vantagens criativas que a tecnologia digital oferece são enormes, pois elas possibilitam uma maior liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que permite integrar, num mesmo sistema, os procedimentos de produção em cinema, vídeo e televisão. Este é um diferencial extremamente importante, pois na atualidade é impressionante a velocidade com que as tecnologias evoluem, se transformam e se renovam ao mesmo tempo em que, sem perceber, transformam a sociedade.

Os avanços da telefonia móvel, com maior número de recursos e funcionalidades, o uso dos *tablets* ou *smartphones*, móveis, práticos e conectados às nuvens ou a conectividade digital *full time* apontam um cenário no qual é difícil prever com exatidão como, por exemplo,

a televisão e a sua programação jornalística se manterão no mercado. Assim como fez o rádio com a chegada da TV, sabemos que hoje ele se reinventa em *podcasts* ou como rádios *on line* para continuar resistindo ao tempo, sempre com adaptações.

Assim como diversas áreas a comunicação humana evolui e necessita de estudos que desvendem como foi, como está e como esta será no futuro, principalmente, com a evolução das tecnologias digitais. Nesse aspecto, pesquisadores em várias partes do mundo tentam contribuir para a ampliação do conhecimento científico em comunicação, uma área, de certa forma, carente de pesquisas, se comparada a outros campos do conhecimento humano.

MIDIATIZAÇÃO, CONCEITOS E APLICAÇÕES

A abordagem sobre midiatização por autores de referência indica que não há como chegar a uma única definição sobre midiatização enquanto um conceito unívoco, mas entendemos que a partir de um levantamento histórico pode ser possível entender a evolução deste entre os estudiosos e a partir daí perceber o papel e a importância da midiatização nas pesquisas em comunicação nos dias de hoje.

O termo midiatização se configura como um elemento das sociedades contemporâneas cujas dinâmicas se inserem na necessidade de uma reflexividade dos processos que envolvem comportamentos, atitudes e posicionamentos por parte da sociedade e por isso é ímpar entender como as abordagens e utilização do termo Midiatização tanto no século XX quanto hoje se inserem em processos.

Ferreira e Cortes (2020) destacam os conceitos do ‘norte’ onde, sob um ponto de vista da abordagem, pode ser considerada: ascendente, por se ater a construção social do midiático ou descendente, por estar relacionada aos meios e à cultura e por ver a midiatização como derivada da interação e da acomodação dos diferentes campos às lógicas dos meios.

Chamamos a primeira de ascendente porque considera a mediatização como uma derivada, e não um processo específico, fundador de um deslocamento social que se sobrepõe às propensões das construções sociais de sentido viabilizadas pelos usos sociais dos meios; a segunda hipervaloriza os meios e suas lógicas, organizados ou institucionalizados, e não problematiza o contexto em que os meios midiáticos estão também imersos em um processo que se sobrepõe a eles (Ferreira e Cortes, 2020: 46).

Vale destacar que em ambas as abordagens, por estarem relacionadas às transformações da matriz de interação o conceito de interação e reprodução é central, ou seja, o conceito de mediatização se opõe às linhagens de pesquisa baseadas em processos de produção e/ou recepção. Isto é exatamente o que se observa no Sul, especificamente, no que se refere a abordagem conceitual adotada pelo Grupo de Pesquisa Mediatização e Processos Sociais, por exemplo, no qual predomina a diversidade de pesquisas que partem das teorias da recepção e da mediação adotadas nas epistemologias sobre mediatização adotadas no Sul, cuja centralização está nos processos de produção e de circulação.

Apesar de existir certa diversidade nas abordagens e definições sobre mediatização Verón (2014) destaca que “mediatização é, linguisticamente falando, um substantivo que dá nome a um processo, as entidades consideradas como sujeitas a tal processo são, na maioria dos casos, as sociedades em si ou subsistemas particulares delas” (Verón, 2014: 14).

Como forma de encontrar um consenso sobre a conceituação do termo mediatização a partir de alguns autores veremos como cada um pensa. Verón (1997) evoluiu na busca por uma definição do termo ao afirmar que “é a partir da evolução tecnológica e da emergência de novas tecnologias, articuladas com condições e modalidades sociais de produção e de recepção que a comunicação midiática gera um pro-

cesso de midiáticação das sociedades industriais” (Verón, 1997: 14).

Bem mais direto Verón (2014) conceitua midiáticação ao afirmar que “os fenômenos midiáticos e, portanto, a midiáticação, são tão importantes quanto os sistemas psíquicos do *Homo sapiens* que, por sua vez, são uma precondição dos fenômenos midiáticos e dos sistemas sociais complexos” (Verón, 2014: 18).

Enquanto Hepp (2014: 51), por sua vez, define a midiáticação como: “conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica”, Hjarvard (2012), ao analisar o trabalho de outros pesquisadores diz que “midiáticação é um conceito utilizado para caracterizar uma determinada fase ou situação do desenvolvimento global da sociedade e da cultura no qual os meios de comunicação exercem uma influência particularmente predominante em outras instituições sociais” (Hjarvard, 2012: 61).

Podemos afirmar que, apesar de o termo midiáticação estar sendo utilizado com frequência pelo mundo ainda não é possível encontrar uma única definição, pois isto depende dos aspectos de interesse e a forma de abordagem em cada pesquisa. O que podemos afirmar até aqui é que o termo midiáticação tem sido aplicado em várias partes do mundo, em diferentes contextos para caracterizar a influência que a mídia pode exercer sobre os fenômenos ligados à comunicação humana em sociedade, em especial as abordagens que envolvem comunicação, tecnologia e sociedade.

A TV ABERTA E O TELEJORNAL DE CADA DIA

Podemos afirmar que a Televisão aberta pode ser considerada hoje um veículo que, apesar dos avanços tecnológicos e a popularização da *internet*, está em pelo processo de transição, remodelação,

convergência ou adaptação, como melhor preferir. Mas, apesar disso a TV ainda é considerada um meio capaz de atingir as massas sendo responsável por levar entretenimento e informação a milhares de lares pelo mundo devido ao fato de suas ondas digitais e seu sinal aberto ter maior acessibilidade em comparação ao sinal de *internet*, por exemplo, que é pago.

É preciso que fique claro que, quando falamos de TV aberta, nos referimos as transmissões de sinais por emissoras públicas ou privadas que não cobram pelo acesso a este sinal, ou sejam um sinal que não depende de pagamento para ser acessado conforme define Scorsim (2007: 93).

Para melhor compreensão das categorias, adotaremos as seguintes definições: o modelo comercial de televisão consiste em emissoras que usufruem de concessão para exploração comercial dos canais de TV. Estatais designam as emissoras gerenciadas por entes da federação ou por entidades (na forma pública ou privada) criadas por ente da federação. Enquanto a TV pública compreende: uma emissora de televisão, cujo controle pertença de direito e de fato à sociedade civil, e não ao governo, nem às emissoras privadas.

Wolton (2012) corrobora para a nossa compreensão sobre televisão aberta enquanto um sistema produtor de sentido. O autor defende que por muitos anos, a televisão tem sido o meio de comunicação tido como referência da e para a sociedade. Um dos fatores que permitem isto é o seu consumo enquanto uma atividade “transversal”, ou seja, capaz de promover “a ligação igualitária entre os ricos e os pobres, os jovens e os mais velhos, os moradores rurais e os urbanos, os cultivados e os nem tanto. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre o que vê”. (Wolton, 2012: 72).

O fato é que a televisão aberta tal como abordamos neste trabalho faz parte de uma das modalidades de serviço de televisão, inte-

grante do sistema de radiodifusão público ou privado, caracterizada como um serviço aberto ao público, não-privativo do Estado e ainda, bem diferente da televisão privada que corresponde àquela de titularidade dos agentes econômicos que oferecem uma programação voltada para o atendimento de sua finalidade exclusivamente lucrativa por meio de sinal fechado (pago).

Exatamente por não adotar este caráter exclusivamente voltado ao lucro uma das funções da televisão aberta, segundo Wolton (2012) é justamente oferecer ao telespectador “um pouco de tudo” durante a sua programação, do entretenimento à informação, e aí incluem-se os grandes telejornais como o jornal Nacional no Brasil e o Jornal da Noite em Moçambique, por exemplo.

Não só nestes dois casos, mas na sua grande maioria, o fato de se constituir enquanto TV aberta é um fator que permite também uma maior abrangência de públicos. A ampla abrangência nas abordagens de temas em um telejornal torna possível informar ao público, ao mesmo tempo, por exemplo, assuntos diversificados como: ciência e tecnologia, política, economia, cultura entre outros. Esta prática tem favorecido ao acesso sobre conhecimentos amplos e, de certa forma completos sobre o que ocorre em âmbito local, regional, nacional e até internacional.

A COMUNICAÇÃO COMO FATOR DE APROXIMAÇÃO ENTRE BRASIL E MOÇAMBIQUE

O desafio de falar ou desenvolver uma pesquisa que envolva aspectos comunicacionais que levem à ligação entre países do Sul Global perpassa, obrigatoriamente, pela história destes países, mas, principalmente, pelo aspecto colonial em comum pelo qual passaram, enquanto colônias de Portugal, o qual influenciou diretamente no desenvolvimento dos dois territórios e sobre o que cada um representa nos dias de hoje. De imediato, a proximidade entre os dois países recai sobre a

característica colonizadora de Portugal a partir de 1498 em Moçambique e de 1500 no Brasil, assim como suas independências de Portugal a partir de 1822 no Brasil e, bem mais tarde em Moçambique no ano de 1974.

Esta revisão se enquadra nos estudos decoloniais⁴ que, apesar de seguirem uma orientação voltada à teoria e ao abstrato, procura localizar e explicitar as diferentes práticas decoloniais em relação aos fenômenos culturais, políticos, ambientais, raciais, de gênero, artísticos e pedagógicos em todo o mundo.

Os estudos decoloniais possuem como característica uma heterogeneidade tanto em relação a suas posturas quanto aos eixos de reflexão.

Estes estudos e pesquisas decoloniais propõem esclarecer a complexidade das relações entre a Modernidade (suas narrativas e ideologias) e sua exterioridade colonial. Segundo vários autores, estes estudos podem ser considerados como uma “opção” (Mignolo, 2001), uma “virada” (Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel, 2007), ou mesmo uma “inflexão” (Restrepo, 2010) nas ciências humanas da América Latina e agora em várias regiões do mundo (Lefèvre et al, 2021:1).

Conforme apontam Martins e Rosa (2021) esta abertura de pensamento é capaz de reconectar a complexidade dos saberes das pessoas do sul global, e por que não dizer das suas formas de comunicação.

⁴ Adotamos o termo “decolonial” por existir um consenso sobre esta perspectiva de estudos a partir da linha seguida por Walsh (2009, p. 15). A autora prefere utilizar o termo “decolonial”, suprimindo o “s” para distinguir o significado de descolonizar no sentido clássico. “A intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua”.

Afirmamos que os estudos que promovam o diálogo entre países do sul global, a partir da incorporação de referentes teóricos decoloniais, são uma forma de reposicionar socialmente os sujeitos e democratizar a produção de conhecimento (Martins e Rosa, 2021: 33).

Por isso entendemos que a comunicação e a imprensa dominados pelo idioma⁵ e as pretensões extrativista de Portugal sobre suas colônias no passado foram e continuam sendo determinantes para a compreensão dos períodos ou eras da comunicação e do jornalismo tanto no Brasil quanto em Moçambique.

Em Moçambique a influência da ruptura cultural portuguesa referente à comunicação aponta que “estudos sobre o jornalismo em Moçambique respeitam duas eras, (i) a colonial e (ii) a de Moçambique independente” (Langa, 2017: 68). Porém a superação imediata esperada após a “guerra da libertação”, em 1975, apesar das ideologias, se manteve sobre o regime do partido único baseado nos ideais da Frelimo⁶ (Frente de Libertação de Moçambique), de modo que o controle da nova gestão do país tinha, sob o comando de Samora Machel⁷, além do objetivo de defender os interesses da nova República independente, facilitar a propagação dos ideais do novo regime, como o objetivo de consolidar uma unidade nacional.

⁵ Brasil e Moçambique são países ligados pela mesma língua materna (Portuguesa), por processos de colonização, pela literatura, arte e imigração. Ao mesmo tempo, se constroem por bases históricas, culturais, etapas colonizatórias e trajetórias particulares.

⁶ A Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique, foi o movimento que dirigiu a luta de libertação nacional que culminou com a independência nacional em 25 de junho de 1975. Desde então esse movimento político, se tornou um partido político, que até hoje, domina a política nacional.

⁷ Samora Machel, além de ter sido o líder da Luta de Libertação de Moçambique, sob os ideais da Frelimo, tornou-se o primeiro presidente popular do País ficando no poder entre 1975 e 1986.

Para além dos três “D” (Descolonizar, Democratizar e Desenvolver), Samora Machel define 4 pilares (informar, educar, mobilizar e organizar a população) sobre os quais a imprensa devia guiar-se. A decisão de controlar a imprensa foi alicerçada pela adesão da Frelimo à ideologia socialista (Marxismo e Leninismo). Vincou a ideia de lutar contra o capitalismo; imperialismo e construir o homem novo (Langa, 2017: 69).

De acordo com a realidade do País atualmente, apesar de um certo desenvolvimento nos últimos anos, os ideais propostos para a criação da “identidade Nacional” e do “homem novo”, ainda que perfeitos em teoria, na prática, não apresentaram uma evolução tão significativa e os avanços após a libertação de Portugal também não foram assim tão rápidos quanto se esperava. Mais uma prova de que a descolonização não é o suficiente para inserir um país em um patamar mais elevado, ao ponto de ainda hoje Moçambique estar classificado pela Unicef (2000), como um país subdesenvolvido.

Localizado no sudeste do continente africano, Moçambique é um País voltado para o oceano Índico que segundo dados do Unicef (2020), apesar de apresentar certo crescimento econômico está entre os países com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo, destacando-se pelos altos índices de desigualdade social.

No campo da comunicação por meio da televisão, vale destacar que durante a libertação de Moçambique em 1975 a televisão ainda não havia sido instalada no país, vindo a ocorrer somente em 1979 quando uma empresa italiana expôs, na Feira Internacional de Maputo (FACIM), o equipamento de captação e transmissão televisiva, com as primeiras transmissões em 1979. (Miguel, 2013: 88), mas só começando suas transmissões regulares a partir de 1981 com a instalação da Televisão Experimental de Moçambique a qual, dez anos depois, se tornou a primeira TV aberta, pública e estatal do país - Televisão de Moçambique - TVM, em funcionamento até os dias de hoje.

Nessa trajetória histórica dos meios de comunicação, distinguem-se quatro etapas principais. A primeira, em que se estabeleceram jornais impressos e uma rádio nacional, que serviam aos interesses da metrópole (Portugal); a segunda, compreende a época do surgimento da imprensa de combate criada pelos moçambicanos, cuja função era contestar a presença colonial no território moçambicano; a terceira é a da imprensa no período pós-independência, usada pelo governo para a mobilização das massas. Nesse período, os órgãos de informação deviam informar, educar e mobilizar o povo para o combate à miséria, à ignorância, ao subdesenvolvimento, ao tribalismo e ao racismo; a quarta etapa constitui o período dos anos 90 até a atualidade, que é marcada pela ampliação do mercado dos meios de comunicação no âmbito nacional e pela entrada de novas emissoras privadas de televisão (Muatiacale, 2007b: 57).

De 1979 aos dias atuais a trajetória do telejornalismo moçambicano pode ser resumida em três fases. A primeira fase de 1979 a 1990, designada como fase dos documentários ideológicos vincando os ganhos da independência do país. A segunda fase, de 1991 a 2002, caracterizada pela expansão da TV, marcada pela entrada em vigor da primeira lei de imprensa no país, Lei nº 18/91 de 10 de agosto, que permitiu a abertura do mercado de mídia e impulsionou o surgimento da imprensa independente. E, finalmente, a terceira fase, de 2002 até a atualidade, a da lógica comercial, quando se estabelecem disputas por audiência e obtenção de lucro.

As características básicas dos telejornais moçambicanos não os diferem dos telejornais de emissoras de outros países, que tenham mais tempo de transmissões e maior alcance de telespectadores como o Brasil e Portugal. Em termos de estilo, possui traços característicos herdados do padrão norte-americano e europeu, sobretudo Portugal, que formou os primeiros profissionais da televisão pública moçambi-

cana.

Também é fato notável que na atualidade os telejornais moçambicanos têm se assemelhado muito aos do Brasil, principalmente, na forma de organização das notícias em blocos bem definidos e separados por comerciais. Essa característica é mais patente nos telejornais de emissoras privadas que têm parcerias com algumas emissoras brasileiras que é o caso da TV Miramar com a TV Record e; da STV com a Rede Globo de Televisão (Muatiacale, 2007a: 53).

Em termos editoriais, os telejornais moçambicanos possuem uma tendência mais descritiva e menos opinativa, não obstante o *Jornal da Noite*, objeto de estudo empírico aqui referido, apresentar-se com o mais ousado na sua abordagem temática e nos enquadramentos noticiosos.

Uma característica marcante no telejornalismo moçambicano é o oficialismo de fontes, um fenômeno já criticado na atividade jornalística alemã dos anos 1970 (Kunczik, 2002). As principais fontes de notícia são autoridades ou membros do governo. Em pequenas proporções aparecem personagens da sociedade civil e/ou outros atores sociais ou mesmo especialistas das áreas das ocorrências dos temas em destaque no telejornal.

No Brasil, alguns fatores históricos marcam a aproximação entre Brasil e Moçambique por meio da colonização portuguesa, mas a história da libertação do Brasil de Portugal, em relação à Moçambique, se difere fundamentalmente por ter ocorrido num espaço temporal de 150 anos mais cedo, pois a independência do Brasil, em 1822, se deu quando Dom Pedro I rompeu os laços com Portugal, que até então dominava a colônia assim como suas formas de expressão. Somente em 1824, com a 1ª Constituição outorgada por D. Pedro I teve fim a censura prévia, com a determinação no inciso 4º do artigo 129, o direito de todos à liberdade de expressão por meio da imprensa, “contanto que

hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício deste direito, nos casos e pela forma que a lei determina” (Mattos, 2005: 102).

Somente em 1889 ocorreria a Proclamação da República, rompendo de vez a fase imperialista do Brasil. Apesar do tempo maior da transição de colônia para uma república, o Brasil teve suas lutas e dificuldades comuns num processo de descolonização.

No campo da comunicação televisiva a transmissão de sinal de TV no Brasil aconteceu bem mais cedo, em relação a Moçambique, com uma diferença de 29 anos.

Em 1950 existiam diversos modelos de receptores. Estava, portanto, concretizado o invento que uniu o som e a imagem em movimento. O Brasil foi o quinto país do mundo a possuir emissora de televisão, depois dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Países baixos e França. A primeira emissora brasileira foi a PRF3-TV, futura Rede Tupi de São Paulo, inaugurada em setembro de 1950 (Perles, 2007: 11).

Mattos (2005: 152) reitera o crescimento da TV brasileira durante o governo de Juscelino Kubitschek entre os anos de 1956 e 1961, tanto em relação aos critérios de clientelismo político quanto à instalação do Conselho Nacional de Segurança que marcariam a concessão de canais. “Considerada um dos principais sistemas de comunicação brasileiro por décadas, a TV aberta tem no telejornal seu produto de honra ao proporcionar credibilidade à emissora e habilitá-la à partilha de poder político”. (Mattos, 2005: 152).

Além da predominância do uso da linguagem conversada, na qual prevalece o discurso do apresentador/editor chefe, e da adoção de estratégias de aproximação com o telespectador, os telejornais brasileiros buscam acompanhar as evoluções do mercado televisivo. Após 72 anos o desafio do telejornalismo brasileiro está em refletir sobre como os telejornais contribuem para o aperfeiçoamento da

democracia brasileira, tanto nos aspectos sociais, quanto políticos e econômicos. Por isso, são considerados como “a principal fonte de informação da sociedade brasileira: mais barata, mais cômoda e de fácil acesso [...] ocupando um lugar central na vida dos brasileiros” (Porcello, 2006: 13).

As formas de organização das narrativas telejornalísticas tanto no Brasil quanto em Moçambique são distintas, mas apresentam características comuns. No caso de Moçambique, com ênfase no Jornal da Noite da STV, as matérias abrem com um assunto factual e depois mostram os personagens envolvidos ou os entrevistados. “Raramente as matérias iniciam com histórias dos personagens como acontece, por exemplo, no telejornalismo brasileiro”. (Muatiacale, 2007a: 57).

A dimensão internacional e o interesse em nível global devido à influência nas mudanças climáticas do planeta e o fato de ser alvo da mídia devido às constantes queimadas na Amazônia⁸ para fins agropecuários e exploração de recursos além de outros ataques chamam a atenção do público nos telejornais.

A MUDIATIZAZÃO DE CIÊNCIA NO BRASIL E EM MOÇAMBIQUE

A partir da observação e análise visual e auditiva, os dados obtidos tanto em relação às oito dimensões quanto aos enquadramentos e categorias definidos a partir dos procedimentos metodológicos foram gerados quadros de respostas e informações apresentados e interpre-

⁸ Conforme Ab'Saber (2002), adotamos o termo Amazônia enquanto o conjunto de ecossistemas formadores do Bioma amazônico que ocupa, aproximadamente, 49,29% do território brasileiro e envolve tanto a bacia hidrográfica do Rio Amazonas quanto a Floresta Amazônica, uma região do planeta rica em biodiversidade. Fazem parte da Amazonia brasileira os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins.

tados a partir daqui. Mas antes apresentamos de forma breve algumas características básicas das emissoras, dos telejornais e dos eventos abordados.

A STV E O JORNAL DA NOITE

O grupo Soico Televisão (STV) está entre as três emissoras mais relevantes de abrangência nacional de Moçambique (TVM, STV e TV Miramar). A STV é uma emissora privada de Moçambique com transmissão em canal aberto para todas as províncias do País (Maputo Cidade, Maputo Província, Gaza, Inhambane, Sofala, Manica, Tete, Zambézia, Nampula, Cabo Delgado e Niassa). Criada em 2002, atualmente é responsável pela transmissão de sinal 24 horas, sendo um dos canais mais assistidos em Moçambique e, juntamente com o canal STV Notícias (privado/fechado) atinge uma abrangência internacional alcançando telespectadores em Angola e Portugal. A programação do canal valoriza os programas ligados a informação e ao entretenimento.

A STV procura dar prioridade assuntos ligados a sociedade no geral e, o seu grau de programação demonstra mais liberdade que a TV Miramar e TVM, uma atrelada na igreja ou no poder político e governamental do país, ela procura ser mais aberta, embora em alguns momentos se centra em atividades do poder executivo tais como do presidente da república assim como outros membros do governo e do estado (Muchisse e Fischer, 2021: 137).

O Jornal da Noite é um programa jornalístico/informativo de formato tradicional que vai para o ar todos os dias, das 19:55 às 21:00 horas, com objetivo de difundir o resumo das principais informações do dia, tanto nacionais quanto internacionais, na área social, educação e política. Os programas televisivos analisados na íntegra, Jornal

da Noite (2019), foram extraídos do repositório da emissora no portal Sapo/STV Play e plataforma YouTube.

SOBRE O CICLONE IDAI

De acordo com Instituto Nacional de Gestão de Calamidades de Moçambique INGC (2019) o ciclone Idai, de intensidade 4 (na escala de Saffir-Simpson), ocorrido entre os dias 14 e 15 de março de 2019, atingiu uma extensa área da região central do país. O evento climático foi responsável por um dos maiores desastres naturais ocorridos em Moçambique nos últimos anos e, apesar de previsto, surpreendeu a todos pela força de destruição após a sua passagem. Conforme as figuras 01 e 02.

Figura 01 – Mapa do trajeto e região atingida pelo ciclone Idai.



Fonte: Reprodução - elaborado pela Cruz Vermelha (2019).

Figura 02 – Vista aérea da região da cidade da Beira destruída.



Fonte: Reprodução - IFRC/Red Cross Climate Centre via Reuters (2019).

Além do rastro de destruição na região central do país, em particular a cidade da Beira e regiões vizinhas, tirou a vida de pelo menos 714 pessoas devido a ocorrência dos alagamentos, desabamentos e as rajadas de ventos que ultrapassaram os 240 km/h. No total foram contabilizadas cerca de 2.855.000 pessoas diretamente afetadas.

Nos dias 15 e 16 de março de 2019, dias de maior intensidade do ciclone, a região atingida ficou totalmente isolada do mundo, sem acesso terrestre, energia elétrica, fornecimento de água potável e sem comunicação por telefones fixos ou celulares. Aos poucos as informações que chegavam confirmaram a gravidade da situação com o registro da destruição de habitações e todas as infraestruturas sociais, incluindo as vias de acesso às zonas afetadas. Conforme ressaltam (Matos e Ndapassoa, 2020: 143).

Cerca de 750 mil pessoas necessitaram de assistência humanitária urgente. O desastre destruiu 94 unidades de saúde nas províncias afetadas e na sequência, surgiram 83.138 casos de malária, associados ao surto de cólera, que resultou em 6.727 casos de morbidades.

Sobre a cobertura da catástrofe, o que se observou 24 horas após o ocorrido é que nem o País tinha o total conhecimento da dimensão da destruição, pois poucas eram as informações que circulavam na mídia impressa e as imagens nos telejornais locais só apresentaram a real situação após as abordagens feitas por emissoras internacionais e após acesso das equipes aos locais afetados, com o passar dos dias.

A TV GLOBO E O JORNAL NACIONAL

A Rede globo de Televisão é uma emissora que cobre cerca de 98,4% do território nacional, atingindo, mais de 5 mil municípios e 99,5% da população brasileira (Rede Globo, 2019). A Rede globo foi selecionada para esta pesquisa por ser a TV brasileira com abrangência nacional e maior audiência no país. Criada em 1965 na cidade do Rio de Janeiro a TV Globo está presente em todas as regiões do país incluindo os seis estados da região norte (Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia, Amapá, Pará), onde se localiza a Amazônia brasileira.

A emissora possui abrangência nacional por meio de afiliadas e repetidoras que transmitem o sinal com a programação nacional, incluindo o Jornal Nacional, além da programação local voltada basicamente para a informação e o entretenimento. Para efeito de análise optamos por analisar as edições do Jornal Nacional (2019) veiculadas nacionalmente as 20h30 horas a partir da cidade do Rio de Janeiro, onde se localiza a sede da TV Globo no Brasil.

O Jornal Nacional, no ar há mais de 50 anos, foi idealizado para integrar o país por meio de informações nacionais e internacionais de interesse dos brasileiros. Vai ao ar de segunda a sábado, sendo considerado o principal programa telejornalístico da Rede Globo.

Rezende (2000, p.170) considera que o JN, como é conhecido, tem sua importância medida pela audiência que alcança desde a sua estreia. Apesar de uma relativa queda por conta da mudança na programação da emissora em 2020 durante a pandemia, segundo dados

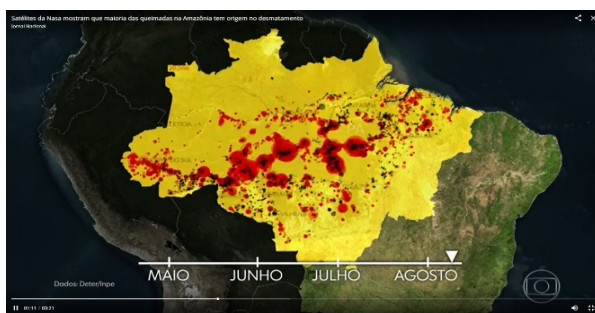
do IBOP entre 2016 e 2020 ela se manteve sintonizada por mais de 42 % dos brasileiros e com uma média anual acumulada de 27,7 pontos de audiência.

As edições do programa televisivo *Jornal Nacional* (2019) foram extraídas do repositório da emissora, estando disponíveis no repositório do jornal no portal *Globo Play* e cujos links para acesso à cada edição estão disponíveis na bibliografia.

SOBRE AS QUEIMADAS NA AMAZÔNIA

As queimadas na Amazônia se referem aos incêndios florestais ocorridos na Amazônia e que registraram um alto número de focos de incêndios no período de janeiro a outubro de 2019, cerca de 45% a mais em relação ao mesmo período de 2018, e um aumento de 84% só no mês de agosto daquele ano. Figuras 03 e 04.

Figura 03 – Registro de focos e avanço das queimadas em 2019.



Fonte: Reprodução – Montagem Rede Globo / INPE (2019).

Figura 04 – Avanço das queimadas na Amazônia 2019.



Fonte: Reprodução – Foto: Victor Moriyama -Greenpeace (2019).

Apesar de ocorrerem todos os anos os incêndios de 2019 chamaram a atenção porque representaram os maiores números desde que o Brasil começou a coletar dados por satélites em 2013, por meio do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) chamando a atenção dos pesquisadores e da mídia nacional e internacional pelo fato de se relacionar às mudanças climáticas e ao aquecimento global, devido a emissão de dióxido de carbono na atmosfera.

Entre 1º de janeiro e 29 de agosto de 2019, o INPE detectou 45.256 focos de calor no bioma Amazônia, o maior já registrado desde 2010. Este aumento expressivo de focos, comparados há anos anteriores, ocorreu em praticamente todas as categorias fundiárias, em especial nas propriedades privadas, que cobrem 18% do bioma e concentraram 33% do total de número de focos neste ano (Alencar et al., 2019: 1).

Independente dos motivos que levaram ao aumento das queimadas, dos culpados ou ainda das políticas de governo que levaram a este cenário, os dados foram considerados tão preocupantes que o tema foi pauta na 45ª reunião de cúpula do G7 em 2019 e pautou os principais telejornais do Brasil e em vários países pelo mundo.

As coberturas destes dois acontecimentos se relacionam não somente por estarem ligados às questões ambientais, de saúde, ou da vida no planeta terra, mas também pelo fato de estarem relacionadas ao conhecimento científico acumulado, aos resultados de pesquisas e ao uso que a sociedade pode fazer deste conhecimento para evitar, reverter, preservar ou evitar danos ambientais, catástrofes, mortes e destruição.

A MUDIATIZAÇÃO DE CIÊNCIA NOS TELEJOURNAIS

A compreensão da midiática de ciência nos telejornais, veiculados no Brasil e em Moçambique, dependeu de um esforço que contou com a observação do objeto empírico conforme recomenda Morin (2006): a partir de um pensamento e um olhar complexo.

Pensando deste modo, cada telejornal não foi apenas somente assistido, descrito e analisado, mas sob um olhar complexo, desmembrado em diversas camadas de modo que cada uma destas pudesse nos trazer pistas e informações capazes de tornar possível atingir nossos objetivos para conhecer o processo da midiática de ciência.

Para efeito de melhor identificação a partir de agora nos referimos ao Jornal Nacional como: (JN) e o Jornal da Noite como: (JDN).

As seis edições, de cada telejornal (Jornal Nacional e Jornal da Noite) estão aqui representados por suas bancadas, conforme a figura 05 e a descrição no quadro 01 a seguir.

Figura 05 - Bancadas de apresentação do Jornal Nacional e Jornal da Noite



Fonte: Montagem com prints extraídos do Globo Play e Sapo/STV On line (2020).

A constituição das amostras aponta que a pesquisa é composta pelas seis edições de cada telejornal e contabilizando 10h17m de produção dos telejornais analisados.

Quadro 1 - Análise quantitativa dos telejornais analisados.

TELEJORNAL / STV - JORNAL DA NOITE						
Edição	Data 2019	Tempo	Bloc	Total de Matérias	C&T	Link de acesso:
01	15/03	55m	04	19	02	https://videos.sapo.pt/6Ena2oDHIZZzVGnK-FaH0
02	17/03	1h01m	03	16	04	https://www.youtube.com/watch?v=Cp0LjKdGbGU
03	20/03	1h22m	04	22	04	https://www.youtube.com/watch?v=dOYvx_Kh81k
04	22/03	1h07m	03	23	04	https://youtube.com/watch?v=SvcTc51d-KzA&t=585s
05	25/03	46m	03	20	03	https://videos.sapo.pt/L3g-mziZ9WIAhmDrUs3Fz
06	26/03	51m	03	22	03	https://videos.sapo.pt/1i0OouCEmZcNhcN-w3QfZ
Total	6dias	6h02m	Méd-3	122	20	
TELEJORNAL / REDE GLOBO - JORNAL NACIONAL						
Edição	Data	Duração	No. Blocos	Total de Matérias	C&T	Links de acesso:
01	15/08	42m	05	16	03	https://globoplay.globo.com/v/7846910/
02	16/08	43m	04	12	05	https://globoplay.globo.com/v/7849982/
03	20/08	46m	04	19	03	https://globoplay.globo.com/v/7858536/
04	21/08	32m	03	11	03	https://globoplay.globo.com/v/7861484/

05	24/08	44m	03	18	05	https://globoplay.globo.com/v/7869716/
06	26/08	48m	04	12	05	https://globoplay.globo.com/v/7873524/
Total	6dias	4h15m	Méd-4	88	24	

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As características gerais apontam ainda que, no total, para o período selecionado em cada veículo, foram assistidas um total de 210 reportagens, incluindo-se todos os formatos e gêneros, independente de conteúdo jornalístico abordado pelos dois programas telejornalísticos. Do montante de reportagens registradas em cada telejornal, identificamos um total de 44 (30%) notícias com abordagens sobre Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), sendo vinte e quatro (24) no JN representando 27% das notícias do veículo e vinte (20) notícias no JDN representando 16,9% do total de notícias veiculadas e sobre as quais aplicamos o desenvolvimento metodológico a partir das oito dimensões e categorias.

ASPECTOS COMPARATIVOS E SUAS REALIDADES

As comparações entre os resultados obtidos a partir das realidades sobre a complexidade empregada no processo de midiatização de ciência no Brasil e em Moçambique destacam as principais diferenças e similitudes, assim como regularidades e irregularidades encontradas a fim de contribuir para a reflexão final deste trabalho.

Na maioria dos países em desenvolvimento uma parte significativa da população não tem acesso à educação científica formal, e nestes casos as mídias tradicionais e em especial a televisão assumem um papel importante enquanto possibilidade de aproximação dos cidadãos com as informações sobre ciência e tecnologia, seja local, nacional ou internacional.

Enquanto a realidade brasileira aponta para a oferta de museus,

centros de ciência, jardins botânicos, feiras e eventos científicos e uma tentativa constante de implementar uma educação científica formal nas escolas de ensino fundamental e médio as conjunturas políticas e de desenvolvimento percebemos que em Moçambique o cenário encontra-se em desvantagem, pois o país se desdobra num esforço para alcançar um nível de interação entre ciência e sociedade mais estável. Apesar de existirem esforços neste sentido, como uma política de governo formal e ações pontuais como a feira anual de ciência, ainda é possível observar uma desvantagem em relação às ações já consolidadas no Brasil, inclusive no que se refere a intensificação da divulgação científica nos meios de comunicação.

Isso remete a um fato presenciado enquanto foram ministradas oficinas de jornalismo científico às turmas de graduação e mestrado na Universidade pedagógica em Maputo durante o doutorado sanduíche realizado naquele país.

Ao serem questionados se tinham conhecimento sobre o termo ou se já tinham tido contato com a prática do jornalismo científico a maioria manifestou que desconhecia o termo e não sabia exatamente do que se tratava.

Se compararmos as quantidades de programas jornalísticos nas TVs selecionadas para esta pesquisa (Rede Globo e STV) e nas TVs Públicas (Brasil e TVM), chama atenção a quantidade bem maior de programas voltados para a divulgação de ciência, no Brasil. Isso demonstra um amadurecimento acentuado em relação a questão desta aproximação entre ciência e sociedade, quando comparadas as duas realidades.

Apesar de serem consideradas relevantes, a abrangência e a audiência da televisão aberta, tanto no cenário brasileiro quanto no cenário moçambicano, e de ser reconhecido que a televisão aberta ainda se constitui como um dos meios com maior acessibilidade por parte da população, as realidades encontradas a partir das observações e análises apontam para a necessidade de uma maior atenção quanto à otimização do uso da TV aberta para este fim.

Em relação à midiática de ciência no jornalismo praticado no Brasil e no país africano, de maneira geral, chama a atenção o número reduzido de matérias que abordam assuntos ligados a CT&I em relação ao tempo total de duração dos noticiários e às quantidades de matérias produzidas diariamente nos telejornais que foram analisados em cada país.

Ficou evidente que, enquanto no Brasil, exatamente por existir uma certa “consciência” em relação ao tema a cobertura sobre ciência nos telejornais deveria ser maior ou mais bem explorada. Se no Brasil identificamos que isso não ocorre na prática, a realidade Moçambicana apresenta-se com uma desvantagem bem acentuada ainda por apresentar um número maior de matérias por edição no seu telejornal. Esta divergência pode ser justificada ou compreendida quando analisamos as características políticas, econômicas e sociais que operam naquele país.

Os formatos rígidos dos dois telejornais observados, em que pese a superioridade técnica da produção brasileira, ainda estão presos a noções fundamentadas em preceitos decorrentes de valores universais propostos por Kant (2007). Em que pese tais valores gozarem de cada vez menos prestígio, especialmente entre camadas populares, sua adoção para conformar a abordagem de ciência na mídia é irreparável.

A ausência de histórias locais na cobertura telejornalística de eventos dramáticos como o ciclone em Moçambique e até nas queimadas da Amazônia, denota a debilidade desse propósito. Apesar de se autodeclararem independentes das amarras políticas em vigor, fortemente prejudicadas nos dias de hoje pela pandemia que assola o mundo é evidente nos dois telejornais um certo direcionamento institucional na cobertura dos assuntos voltados para CT&I.

Sob o olhar complexo, os cenários se mostram organizados e apresentando certa ordem quanto ao cumprimento das linhas editoriais adotadas, mas ao mesmo tempo um nível elevado de desordem quando verificados os aspectos constitutivos da elaboração da notícia sobre ciência no telejornal.

Apesar de nos dois países haver certa ordem na estruturação dos telejornais e a preocupação de seguir os moldes do telejornalismo internacional, há também uma desordem se levado em consideração aspectos como o enfoque dado a presença do repórter ou de cientistas entrevistados ou na relevância destinada ao tema durante a cobertura e a apresentação da notícia sobre ciência nos dois telejornais. Neste caso, com uma desvantagem bastante acentuada para o Moçambique. Isto foi percebido na reportagem sobre o rastreamento do ciclone Idai, construída integralmente a partir de uma entrevista com um pesquisador sem a presença do repórter, sem imagens de apoio, sem *Offs* ou recursos gráficos.

Apesar destas percepções bem mais evidentes em Moçambique, no Brasil, por meio do Jornal Nacional, também foram detectadas uma série de fatos que apontam um certo grau de deficiência nas coberturas de CT&I de forma que o olhar a partir da complexidade revelou falhas quase imperceptíveis. Falhas que, a partir das circunstâncias políticas e estruturais das emissoras de TV e seus profissionais, poderiam ser facilmente superadas. Em ambas as realidades o aspecto relacionado à integração ou à ausência dela nas atividades jornalísticas que envolvem as oito dimensões analisadas aponta que uma ação mal desempenhada ou a falta desta, no processo de elaboração e apresentação da notícia em telejornais, vai interferir diretamente em outra parte do processo produtivo da matéria, o que resultará em uma exploração superficial do fato a ser noticiado. Sobre isso, um reposicionamento dos processos produtivos da cobertura da notícia envolvendo a CT&I e, conseqüentemente, a midiatização de ciência no telejornalismo resolveriam o problema fazendo que os temas científicos fossem mais bem incorporados ao dia a dia do telespectador.

Outro aspecto que chama a atenção quando comparamos as duas realidades é no caso de Moçambique a prática comum do repórter não se fazer presente, mesmo nas matérias no formato de reportagens, o que segundo Gomes (2007) é indicado como importante para passar credibilidade ao telespectador. O mesmo ocorre quanto a presença de

especialistas ou pesquisadores durante as reportagens e quanto a introdução de informações relevantes sobre as próprias especificidades dos temas científicos nas reportagens, como deixar claros os conceitos abordados, os benefícios ou promessas da ciência e até referências sobre quem e onde a pesquisa ou o tema científico foi ou está sendo desenvolvido.

Sobre estas realidades e o aprofundamento das causas destas ações ou falta delas, apesar de não ter sido o objetivo deste trabalho, foi possível perceber que, mesmo havendo interesse e envolvimento dos profissionais no processo produtivo das notícias e dos telejornais, falta um maior comprometimento dos veículos de comunicação com a qualidade do material (reportagens e telejornal) produzidos e disponibilizados ao telespectador. No Brasil, a partir do Jornal Nacional, o porte da Rede Globo e o reconhecido “padrão de qualidade” dos produtos jornalísticos deixam o telejornal brasileiro em melhor posição que a realidade percebida no telejornal moçambicano.

A reflexão final permite considerar que, a partir das análises, ficou comprovado que é evidente uma variação acentuada nos níveis de complexidade empregados nas duas realidades, apesar do jornal Nacional apresentar um certo grau de vantagem em relação à realidade moçambicana.

O ideal é que haja harmonia nos processos produtivos e que a qualidade no telejornalismo seja alcançada a partir de melhorias das oito dimensões das notícias que foram abordados durante as análises. Só assim será possível perceber a importância da relação especial que há entre a ciência, os meios de comunicação, a sociedade no processo de midiaticização de ciência e sua complexidade.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Os resultados desta pesquisa nos amostam que, independentemente do nível de desenvolvimento do país, a falta de informações

científicas, principalmente para a população com menos conhecimento e poder aquisitivo, pode ser fatal e que a falta de informação ou informações incompletas e até mesmo a desinformação por meio das *fake news* podem ser extremamente prejudiciais à sociedade.

Uma vez que as semelhanças entre Brasil e Moçambique vão além do idioma oficial adotado ou do passado como países que foram explorados enquanto colônias portuguesas, hoje percebemos outras similaridades, como a de duas nações que lutam atualmente para fortalecer suas agendas políticas a fim de alcançar maiores índices de desenvolvimento socioeconômico e, conseqüentemente, evoluir na aproximação entre ciência e sociedade também por meio da TV aberta e seus telejornais.

Esta pesquisa permitiu confirmar o quão importante é nos dias de hoje a relação entre o audiovisual e a divulgação científica e como esta dispõe de um espaço privilegiado: a televisão. É nela, especialmente na Tv aberta, que encontramos os telejornais enquanto um meio de aproximação entre a ciência, tecnologia e a sociedade e que, portanto, necessita ser estudado.

Os resultados alcançados enfatizam que, em vários aspectos, há uma certa defasagem em relação à forma como a atividade de midiática de ciência no telejornalismo é desenvolvida nos dois países e a partir do reconhecimento dos níveis de complexidades envolvidas é possível mudar esta realidade.

O fato dos aspectos constitutivos do processo de midiática de ciência estarem relacionado à busca, tanto pelo Brasil quanto Moçambique, por cumprirem o formato estrutural, as linhas editoriais e os padrões telejornalísticos internacionais, ainda que de certa maneira, a partir de uma perspectiva cosmopolita, apontam que tanto Moçambique quanto Brasil, apresentam um nível de desordem e falta de integração acentuado nas coberturas que envolvem assuntos sobre ciência, principalmente, por não priorizar a execução de reportagens completas e ou por deixar de envolver, de forma coesa e criteriosa, as oito dimensões analisadas.

Estes resultados chamam a atenção para o papel relevante da cobertura de CT&I nos dois países abordados nesta pesquisa. Os dois fenômenos/fatos relevantes, tanto para os públicos locais quanto internacionais, representados pelas queimadas na Amazônia e o surgimento de ciclones devastadores, ambos relacionados às mudanças climáticas do planeta Terra, são ocorrências que, devido às suas magnitudes e abrangências, não podem passar despercebidos durante as coberturas telejornalísticas e, conforme identificamos, por se tratar de mediação de ciência, necessitam atender ao mínimo de requisitos para promover de fato o acesso ao conhecimento pela sociedade como forma de integração, alerta, prevenção e lição para as futuras gerações.

Apesar dos avanços da tecnologia, da diversificação e da acessibilidade aos meios eletrônicos portáteis, ainda hoje o telejornalismo detém um papel de referência junto ao público assumindo um lugar de orientação social. Exatamente por isso entende-se que é nosso dever trabalhar para que a sociedade avance no sentido de ter acesso ao conhecimento gerado pela ciência e, principalmente, compreenda a importância desse processo para a sua vida. Trata-se de uma lição que a pandemia de Covid-19 vem mostrando a todo o planeta.

Reconhece-se que os resultados aqui apresentados estão limitados igualmente pela perspectiva rígida e disciplinar do rigor científico, reconhecido pelo protocolo de análise adotado e pela análise de conteúdo aplicada, permitindo assinalar a ausência da vida cotidiana e suas histórias locais, fruto de uma percepção exterior oriunda da percepção periférica da atividade científica e Defende-se que urge a necessidade de construção de um novo pacto entre cientistas e mídia, o qual observe, por um lado, possibilidades criativas nos limites impostos pela realidade de cada campo. Nesse contexto, é primordial discutir e produzir iniciativas de dimensões práticas e democráticas que promovam um novo ambiente comunicacional que assegure aos atores envolvidos (cientistas, divulgadores, público) um lugar de destaque no processo de construção (e apropriação) no processo de mediação de ciência.

Os apontamentos moçambicanos coincidem com um cuidado assinalado por um pesquisador brasileiro quando afirma que “o perigo de uma imagem muda é tanto maior em razão do grau de precisão e clareza da mensagem que se pretende transmitir” (Rezende, 2000: 48). Observa-se, assim, que a ênfase na oralidade talvez marque uma semelhança identitária a ser investigada também nos futuros estudos comparativos entre Brasil e Moçambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ab’saber, Aziz (2002). Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. *Estudos Avançados*, 16(45) (23.03.2020), de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9866>.

Alencar, Ane et al (2019). *Amazônia em Chamas - onde está o fogo*, Nota técnica nº 2. Brasília: Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, (08.11.2020), de <https://ipam.org.br/bibliotecas/amazonia-em-chamas-onde-esta-o-fogo/>.

Bardin, Laurence (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Burch, Sally (2005). *Sociedade da informação / Sociedade do conhecimento*. In Vecam (Org) *Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação*. C&F Éditions,

Dencker, Ada. de Freitas (2007). *Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas*. 9ed. São Paulo: Futura.

Ferreira, Jairo e Cortes, Denis (2020). O duplo vínculo entre a dádiva religiosa e mediática. *Revista Animus*, 19 (40). 43-72.

Gomes, Itânia Maria (2007). Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise, *Revista e-Compós*, (10.03.2020), de <https://www.compos.com.br/e-compós>.

Hepp, Andreas (2014). *As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”*. 8 (1). São Paulo: Matrizes.

Hjarvard, Stig (2012). *Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. MATRIZES. Ano5 – n.2 jan./jun. São Paulo. 53-91.

Ingc – Instituto Nacional de Gestão de Calamidades. (2019). *Balanço da época chuvosa e ciclônica 2018-2019*. Maputo: INGC.

KANT, Immanuel (2007). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70.

Kunczik, Michael. (2002). *Conceitos de jornalismo, norte e sul: manual de comunicação*. São Paulo: Edusp.

Lakatos, Eva Maria e Marconi, Marina (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. 6 ed. reimpressão. São Paulo: Atlas.

Langa, Sérgio (2017). *O modelo editorial do jornal impresso em Moçambique: uma abordagem baseada no design gráfico dos diários Notícias e O país*. Maputo: Educar/UP.

Lefèvre, Sebastian. et al (2021). *Estudos decoloniais. Da teoria à prática, Chamada de trabalhos, Revue d'études décoloniales* Calenda, (08.08.2021), de <https://calenda.org/851409>.

Martins, Vera e Rosa, Rosane (2021). *Ao Sul das referências: Reflexões decoloniais*

para desierarquizar os processos de produção de conhecimento. *Comunicação Mídia Consumo*. São Paulo, 18 (51), 16-35.

Massarani, Luiza et al (2012). *Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana*. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ; Ciespal. 108p.

Massarolo, João Carlos (2001). *Cinema na web*. *Revista de Cinema Sinopse*. 3 (06). 74-76.

Matos, Pedro e Ndapassoa, Anastácio (2020). *O ciclone Idai e os desafios da ajuda Humanitária em moçambique, Veredas do Direito*, Belo Horizonte, 17(38), 139-160.

Miguel, João (2013). *Economia política da televisão*. Maputo: Centro de Estudos Estratégicos.

Minayo, Maria Cecília (2000). *O desafio do conhecimento: pes-*

quisa qualitativa em saúde. 7a Ed. São Paulo: Hucitec.

Morin, Edgar (2006). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 3a Ed.

Morley, David e Brunsdon, Charlotte (1999). *C. The Nationwide Television Studies*, London: Routledge.

Muatiacale, Leonilda Sanveca (2007a). *Estratégias Discursivas dos Telejornais de Moçambique: Análise crítica do Jornal Nacional e do Jornal da Noite*, em São Paulo (Dissertação de Mestrado em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Muatiacale, Leonilda Sanveca (2007b). *O discurso dos telejornais da rede pública e privada de moçambique: Jornal Nacional e Jornal da Noite*. *Revista Estudos da Comunicação*. Curitiba: 8 (17), 219-228.

Perles, João (2007). *Comunicação: conceitos, fundamentos e história*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. (10.03.2021), de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>.

Porcello, Flávio (2006). *Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?*. In: Vizeu, Alfredo; Mota, Célia; Porcello, Flávio. (Orgs). *Telejornalismo: A nova praça pública*. (79-84). Florianópolis: Insular.

Rede Globo. Institucional. (2021). Rio de Janeiro. (12.11.2021), de <https://redeglobo.globo.com/>.

Rezende, Guilherme Jorge (2000). *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo, Summus.

Scorsim, Ericson. Meister (2007). *Estatuto dos Serviços de Televisão por Radiodifusão*. (Tese de doutorado em Direito do Estado, Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo), São Paulo.

Soico Televisão. (2021). *Quem somos*. Moçambique. (05.03.2021), de <http://www.stv.co.mz>.

Stumpf, Ida (2010). *Pesquisa bibliográfica*. In Duarte, Jorge e Barros, Antônio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2a ed. São Paulo: Atlas.

TVM. (2021). *Televisão de Moçambique: Programas*. Moçambi-

que, (05.07.2021), de <https://www.tvm.co.mz/>.

TV Brasil, (2021). Programação, São Paulo. (08.07.2021), de <https://tvbrasil.ebc.com.br/programacao/>.

Tellaroli. Taís. (2013). Display digitais interativos: Nova base de recepção das mídias audiovisuais. Comunicação tecnologia e Inovação. Estudos interdisciplinares de um campo em expansão, Porto Alegre: 1ª ed. Buqui.

Unicef. (2020) Ciclones Idai e Kenneth em Moçambique. (24.07.2020), de <https://www.unicef.org/mozambique/ciclone-idai-e-kenneth>.

Verón. Eliseo (1997). Esquema para el analisis de la mediatización. Diálogos de la Comunicación, Lima, n. 48, 10-17.

Verón. Eliseo (2014). Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Matrizes, São Paulo: 8 (1), 13-19.

Walsh, Catherine (2009). Interculturalidad, estado, sociedade: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito-Equadro: Universidade Andina Simón Bolívar.

Wolton, Dominique (2012). Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina.